N.º 78

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Hoje Terça Feira 10 de Abril de 1827.

S. Ezequiel Profeta.

Preamar as 4 horas e 6 minutos da tarde.

(Continuado do N.º antecedente.)

A Gazeta de Lisboa tem publicado, e nós copiaremos n'outro n.º o contracto de Esponsaes entre S. A. R. o Sr. Infante, D. Miguel e a Senhora Rainha D. Maria II. Com que perversidade, e affronta se invoca o nome de S. A. para dessolar hum reino, que elle deve reger, e que tem os mais justos titulos a sua benevolencia, e attençaõ? No em tanto que S. A. segue os dictames da honra, e da probidade, que deve ser inseparavel das acções de hum Principe, e se torna digno da estima de seu Augusto Irmaõ, altas personagens, a quem a sua reputaçaõ devia ser cara por mais de huma rasaõ, postas detraz da cortina procuraõ faze lo aborrecido a huma Naçaõ, que querem reduzir a cinzas, para sobre suas ruinas se levantar hum throno, que regado pelas lagrimas da publica desgraça, envenene o prazer, que S. A. deve ter em reinar sobre hum povo digno de melhor sorte. Mas naõ será completada a obra da maldade, S. A. tem a fortuna de que hoje saõ bem conhecidos seus nobres sentimentos, e que o Povo Portuguez unido com seu generoso alliado hade sustentar fiel e honrado os direitos, que S. A. R. tem adquirido ao throno Portuguez, em consequencia dos contractos, que S. A. acaba de solemnizar na presença de S. M. o Imperador de Austria, a quem por certo seria pouco airoso promover, e ultimar hum negocio, que naõ fosse igual aos principios de justiça, que S. M. professa, e aos direitos da legitimidade, que o mesmo Sr. deffende.

A Naçaõ Portugueza hade verificar aquellas palavras do Ministro Inglez, apreciando, e mostrando-se digna de receber o dom de S. M. o Sr. D. Pedro IV. palavras, com que nos simpathisamos, e por isso de novo as copiamos. " Pelo que diz respeito a natu-
" reza da Carta, eu naõ sou chamado
" a dar aqui o meu parecer. Por cer-
" to que eu tenho huma opiniaõ so-
" bre ella, mas como hum Ministro
" Inglez só direi, que Deos ajude to-
" do o esforço para a extensaõ da li-
" berdade constitucional, e possa to-
" da a Naçaõ, a que ella se estender,
" mostrar-se disposta a recebe-la, e
" aprecia-la, e capaz de desempenhar
" os seus deveres entre as demais Na-
" ções da Europa. " Por certo que esta he a linguagem de hum coraçaõ nutrido, e educado no seio da liberdade; cujo sentimento se conserva inalteravel, a par do amor da justiça na Naçaõ Ingleza. Esta he a linguagem

de hum sabio, que rege os destinos de hum povo, que tem tido hum só caracter nò caminho da liberdade, e que se tem sofrido todos os horrores de huma guerra civil, naõ tem dado depois o espectaculo de huma volubilidade degradante. Se cometteo excessos, foi para colher o sazonado fructo de huma justa liberdade, e tem tido a coragem de naõ sofrer a testa de seus negocios sycophantas, que o tornem em vil instrumento para se cometter toda a especie de barbaridade, de traiçaõ, de vingança em hum povo numeroso, e que poderia occupar hum distincto lugar na ordem das Nações, quando naõ fosse victima de tanta superstiçaõ, e ignorancia.

He para sustentar este caracter, he para arruinar estes principios, que se deve empregar toda a força da eloquencia, toda essa vastidaõ de conhecimentos em literatura, que possuem esses homens, que arrengaõ da Tribuna, os collossos que naõ – tem pés de barro –; mas que ja tendo hum Genio a sua frente, sofreraõ os revèses, que lhe soube arranjar esse outro que os tem, segundo a opiniaõ do Orador. He pena, que se empreguem grandes engenhos em taõ ruim causa.

Porem a pezar de todos os esforços, com que o partido anarchista pertende espalhar a incerteza, e confuzaõ por meio das contradictorias, e exageradas noticias insertas na " Quotidiena, e outros jornaes Francezes, ja naõ he hoje hum problema, qual deve ser o desfeixo desta taõ apertada crise. Os destinos de Portugal, da Peninsula e quiçá da Europa estaõ irresistivelmente fixados; e a liberdade, que depois de seculos ali jazia debaixo das ruinas de sua passada grandeza tornará a reviver. O Grande Pedro IV., dando a Portugal huma Carta constitucional em 29 de Abril 1826, derrocou os projectos liberticidas do Jezuitismo, cortou o fatal nó, que empecia a civilizaçaõ da Peninsula, e trilhando a estrada da verdadeira Gloria, se adquirio hum nome immortal, tornandose o amigo da humanidade, e o restituidor da liberdade a sua Patria, o libertador da Peninsula, e o consolidador dos destinos d'America –. A taõ Magnanimo Coraçaõ quem negará a preferencia? Quem deixará de secundar seus projectos?

(O Cruzeiro.)

PORTUGAL.

Malo pater tibi sit Thersites dummodo tu sis
Æacidæ similis, Vulcaneaque arma capesses,
Quam te Thersitæ similem producat Achilles
(*) Juvenal.

Quando vemos tallar nossos campos huma guerra estrangeira, e nossos naturaes inimigos ajudados por huma facçaõ puramente antinacional, que já se naõ cobre nem com os pretextos de imaginarios direitos de huma alta personagem da Real familia, e onde ainda veste essas cores, já taõ frouxamente, que bem claramente se vê naõ saõ esses seus fins verdadeiros; he para nos pejarmos de cruelissima vergonha; e tomaramos nós poder esconder taõ infamante espectaculo dos olhos da Europa, e do mundo civilizado. Naõ pòde ter ainda esquecido a nobre constancia que por tantas vezes ameaçada, os Portuguezes sustentaraõ sempre sua independencia, preferindo toda a sorte de calamidades a unica para elles insupportavel a dominaçaõ estrangeira. So este galhardo espirito com que se criou, e progrediu a naçaõ, podia conservar tantos seculos huma potencia taõ pequena com poucos limites naturaes, e contra taõ porfiada e valente cu-

(*) Mil vezes antes de Thersites Filho
Qual Achilles, indomito vestisses
O Vulcaneo Pavez, do que de Achilles
Vil Copia de Thersites descenderas.

biça estrangeira. Este espirito nos fez emprehender a guerra de Berberia, para alargar para alli os confins do reino, e consolidar mais a suspirada independencia, objecto de todos os cuidados, desde o gabinete do Rei até o derradeiro dos subditos. Este espirito nos deu a ousadia de franquear os mais longes mares, para ir buscar no commercio e na conquista novos meios de segurar essa mesma independencia. E se examinarmos com reflexaõ a historia portugueza, naõ veremos quasi huma guerra, huma empreza sustentada, ou concebida com outro fim. Estava reservado para os militares portuguezes de hoje o fugirem para Castella, alliarem-se com os teimosos inimigos de nossa independencia, entrarem nossas fronteiras com os topes e cores hespanholas, ajudados e dirigidos por elles, e proclamando a uniaõ de Portugal com Hespanha! E' vergonha esta, he nodoa que naõ sabemos como nunca se possa lavar d'ella o nome portuguez. Certo he que raro he o homem distincto, que entra na vil conspiraçaõ dos estrangeiros: algum fidalguinho de muito moderna e disputavel nobreza, algum sacerdote immoral, e dos poucos officiaes militares, a ralé do exercito. Nem hum so enome ncontramos n'essa lista de bandidos, de que se lembre a historia de nossos tempos heroicos, ou que recorde a memoria de nossas derradeiras e gloriosas campanhas. Silveira apenas deixaria alguma duvida, se naõ conheceramos hoje todos, que a desmesurada ambiçaõ d'essa familia insaciavel, he o unico movel de suas acções todas.

Console-nos essa observaçaõ ao menos. Valha-nos para desafronta ver por outro lado, que a antiga e verdadeira nobreza, que conta no numero de seus ascedentes os maiores heroes de nossa historia, tem tomado a si a defeza dos indisputaveis direitos do nosso legitimo Soberano, e da liberdade da naçaõ. N'esta lucta ve-se da parte dos estrangeiros os traidores, os fanaticos, os hypocritas, e a canalha; da nacional a grandeza, os talentos, os homens de bem, a propriedade, a industria, em huma palavra, todos os direitos, e todas as virtudes. Mal soa o grito da invasaõ suscitando a rebeldia, e eis logo apparece a maioria da nobreza a mostrar-se fiel como sempre. Todos os nobres pares a porfia offerecem-se a marchar contra os rebeldes, e parte d'elles vaõ como voluntarios alistarem-se debaixo das bandeiras da legitimidade. Seus nomes que publicamos no nosso numero 29, attestaraõ aos vindouros este feito immortal, em quanto pela geraçaõ presente seraõ repetidos com respeito e veneraçaõ. Firmes e inabalaveis na carreira da lealdade, e da honra, hum dia virà em que poderaõ dizer aos seus descendentes; – Nós naõ dormimos a sombra dos louros que nos deixaraõ nossos avoengos; taõbem cuidamos de nossa propria gloria, e merecemos por nossas acções o que a sociedade tributava a nosso nascimento. Imitai-nos vós para serdes verdadeiramente dignos do nome que vos transmittimos. – Eis aqui o que esta classe respeitavel dirá, sem medo de ser desmentida.

De nós podemos affoitamente affirmar que nunca duvidamos de que a nossa Carta achasse na Aristocracia legitima o seu maior baluarte; bastante no-lo diz a historia patria para nos naõ ser estranho que a nossa independencia e nacionaes instituições sempre tiveraõ para sua defeza a espada, o saber, o sangue, e a generosidade dos grandes. Com elles o grande Affonso Henriques lançou os fundamentos da monarchia, o braço de D. Paio Correa, e dos seos briosos cavalleiros da ordem de Saõ Thiago, deu a posse do Algarve (cuja conquista comçara D. Sancho II.) a D. Affonso III. Quando pela morte de D. Fernando o reino pelos mal concertados ajustes do casamento de D. Brites, e as intrigas da rainha D.

Leonor esteve em risco de cahir na aborrecida dominaçaõ de Castella, foi a cooperaçaõ de nossos dignos fidalgos quem poz a coroa na cabeça de D Joaõ I, depois de haverem em renhidas e amiudadas batalhas sacudido do nosso territorio a aluviaõ de estrangeiros, que o envadiraõ ... Naõ conseguira Felippe sentar-se no solio portuguez, se por ventura a melhor parte da nobreza naõ tivesse generosamente perecido em Africa ao lado de D. Sebastiaõ, que contra a opiniaõ e vôto d'aquella classe valente e illustrada, emprehendera taõ funesta viagem, levado de sugestões jezuiticas, que naõ só foraõ causa da morte d'este Rei guerreiro e inexperiente, mas entregaraõ ao alfange mouro a maior parte da nossa fidalguia, deixando gemer o resto por largo tempo nos carceres de Marrocos. A naõ ser assim, o exercito de Castella, as machinações daustraes, e o ouro de Fellippe, encontrariaõ em Portugal ... a mesma sorte, que elle encontrara na Hollanda, e seu predecessor nos campos de Aljubarrota.......Certo he que em 1640, logo que achou occasiaõ opportuna naõ hesitou em quebrar os ferros da patria, e arrostrar o poder da entaõ primeira potencia da Europa. Quarenta heroes, no curto espaço de trez horas, desarmaraõ as guardas do palacio, prenderaõ a governadora Duqueza de Mantua, arrojaraõ pelas janellas do paço, o traidor Miguel de Vasconcellos, portuguez degenerado, que servia de secretario de estado, e menos réo, menos infame, que esses que pertendem hoje tornar a patria ao jugo, em que elle so forcejára por conserval-la............

(++++++)

Variedades.

Hum soldado que costumava embebedar-se foi acuzado e convencido de Blasfemar e de haver dito injurias contra o Rei e contra os Magistrados da Cidade: estes que queriaõ vingar-se naõ tardaraõ em pronunciar contra elle huma Sentença severa, e de condemnalo como criminozo de leza Magestade Divina e humana: a Sentença foi mandada a Frederico para a confirmar: elle escreveo ao pé della: se este desgraçado blasfemou contra Deos pertence a Deos o perdoar-lhe: quanto as injurias que elle disse contra mim eu lh' as perdoo; mas quanto as que disse contra os Magistrados deve ser punido e por isso mando que seja prezo por viute e quatro horas.

Vendas.

1 Quem quizer comprar hum carrinho de quatro rodas em muito bom estado porque naõ servio ainda o qual leva seis pessoas ou mais porque tem trez asentos, e se dá por preço comodo annuncie por este Diario para ser procurado.

2 Quem quizer comprar carne de carneiro, ou de porco, dirija-se a rua do Calabouce por detras da rua Nova na caza N.° 438 que fallando na vespera será servido, e taõbem vende Manteiga de porco.

Achados.

3 Quem perdeo huma troxa de roupa no Recife dirija se a rua Nova caza N.° 30 que dando os signaes certos será entregue.

Avizos Paticulares.

4 Quem precizar de huma mulher que sabe cozinhar, lavar, engomar, e o mais serviço pertencente a huma caza dirija-se a rua Direita caza D. 16 para tratar do seu ajuste.

PERNAMBUCO NA TYP. DO DIARIO RUA DIREITA N.° 267.
Vende-se na Loje de Livros defronte de Palacio a preço de 60 rs.